



Literatura da *Shoah*: testemunho, memória e escritura na composição literária de Marcio Pitliuk

Rodrigo Felipe Veloso* entrevista Marcio Pitliuk**

Rodrigo – O período histórico e pragmático narrado na literatura da Shoah, em especial quanto aos personagens de determinado romance que se encontram, libertarem desse espaço do terror. Nesse sentido, tal fato pode-se revelar como um momento de suspensão dos parâmetros de vida dita “normal” e, a partir de então, instaurar um rito de margem e liminar do processo de vida, que se encontra em estagnação e declínio e, certamente tendo um destino final precoce, que é a morte.

Marcio – Nove em cada dez prisioneiros judeus morriam nos campos nazistas. Essa proporção se repetiu na maioria dos países ocupados pelos nazistas, a exceção, da França e da Itália. Nos outros países, a média era de 90% a 95% das pessoas mortas. Então, a morte era mais fácil do que a vida nesses locais. Por isso, que na literatura a morte está tão presente. O milagre era viver, não era morrer. Difícil era existir sobreviventes.

Rodrigo – Aconteceram várias tentativas ao longo do tempo na Europa para que a morte dos judeus fosse validada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Isso porque tais atos tinham consequências como debilidades financeiras e psicológicas?

Marcio – O objetivo dos nazistas era exterminar todos os judeus da Europa. Havia 11 milhões naquele período. A primeira coisa que eles faziam era confiscar os bens, depois eram colocados em guetos para verificarem o que eles iriam resolver fazer com esses judeus, para onde iriam quando seriam mortos. Nos guetos tinha pouca comida, tinham poucas condições de sobrevivência, porque num local que caberia 50 mil pessoas, ele colocavam 150 mil, 200 mil, com pouquíssimo alimento, então, a fome por inanição era muito grande. O objetivo final era manter todos para espoliá-los, roubá-los, mas matar todos.

Rodrigo – O Holocausto para acontecer e dizimar milhões de judeus teve certa organização e planejamento por parte dos Nazistas? Comente a respeito desse fato histórico.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Professor no curso de Letras Português, da Universidade Estadual de Montes Claros.

** Especialista sobre o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial, curador do Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto, em São Paulo, membro da Academia Ituana de Letras, cineasta e escritor.



Marcio – A organização foi de toda sociedade alemã, não só dos nazistas. Como falo no meu romance *O engenheiro da morte*, os soldados era o último elo da corrente, eles organizavam as filas das câmaras de gás. Os judeus para chegarem aos campos teve apoio da sociedade civil, militar alemã, empresários engajaram nisso, arquitetos, engenheiros, banqueiros. Toda a sociedade alemã se engajou nisso, sem a ajuda de todos esses segmentos da sociedade, os nazistas (vamos dizer quem seriam os nazistas?), os SS, por exemplo, não teria condição de fazer esse crime. Esse crime foi praticamente organizado por toda população alemã da época.

Rodrigo – **Diante de toda barbárie cometida pelos alemães contra os judeus, negros, ciganos, homossexuais, como reagiram às mulheres ao lidar com tamanha monstruosidade de seus maridos?**

Marcio – As mulheres participaram ativamente do Holocausto. As mulheres não ficaram omissas, elas sabiam o que estava acontecendo, ajudaram os maridos a realizar isso, participaram ativamente de todas as maneiras ou apoiando os maridos que eram civis, arquitetos, engenheiros, que participaram desse crime, elas apoiaram se locupletaram junto com os empresários que ganharam muito dinheiro com isso, recebiam casaco de pele roubado das judias, recebiam joias, elas eram amantes dos oficiais do SS. 3.500 mulheres trabalharam nos campos de concentração nazista desde cargos de secretárias até enfermeiras, até assassinas, organizando a seleção das pessoas que iriam ser mortas, torturam crianças, as mulheres alemãs tiveram uma participação igual aos dos homens. Não tiveram nem mais nem menos que os homens, foram tão assassinas quanto.

Rodrigo – **Existe algum fato ligado ao Holocausto que os livros didáticos de História (ou livros que tratam do tema de maneira geral) não exploram em seu conteúdo e ou que deveria trabalhar com maior ênfase e pragmatismo?**

Marcio – Esses dois assuntos que você citou. Primeiro, é que a sociedade civil alemã participou ativamente, parece que só os militares é que fizeram, o que não é verdade. E a literatura trata como se somente os homens tivessem cometido esse crime e não é verdade, as mulheres também o cometeram. Então, é por isso que tenho dois livros que tratam desse assunto. *O alpinista* trata da participação das mulheres e *O engenheiro da morte* trata da participação de profissionais liberais, de empresários do Holocausto. A SS, grupo militar nazista é somente uma parte, mas todo mundo ajudou.

Rodrigo – **Em tempos modernos, ainda surge movimentações antissemitas e também a presença de grupos neonazistas pelo mundo. Por que isso ainda ocorre, uma vez o Holocausto revelou as atrocidades e a perversidade humana? E no Brasil, como as *fake news* ressignificam esses grupos de ódio?**



Marcio – O antissemitismo é uma doença que atinge a humanidade há 2.000 anos, recentemente com o ataque dos terroristas do Hamas a Israel, o nosso presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva está tomando uma posição extremamente antissemita, ele está propagando irresponsavelmente um discurso de ódio contra os judeus e acusa os judeus de estarem massacrando o povo palestino quando quem faz isso é o Hamas que usa a população como escudo humano. Então, o antissemitismo é uma doença que não acaba e é lamentável por um presidente que se diz ser da esquerda progressista apoia um grupo terrorista contra o Hamas que quer exterminar o povo judeu.

Rodrigo – **Mediante a sua colocação, pode-se afirmar que a *fake news* está associada nessa composição dos grupos de ódio ligada à política?**

Lula está criando *fake news* quando ele fala que Israel está mantendo palestinos é uma *fake news*, porque o Hamas se esconde atrás da população civil, o Hamas não usa nem uniforme, o Hamas sequestrou mais de duzentos reféns e levou para Gaza e Israel tem de ir lá resgatá-los e o Hamas coloca os palestinos como escudos. Quando o Lula fala isso é uma *fake news*. O Lula não reconhece que o Hamas é um grupo terrorista e isso é outra *fake news*. O Lula acusa Israel de genocídio e isso é *fake news*, se Israel quisesse acabar com os palestinos, o mundo não teria mais palestinos. No entanto, quando Israel foi fundada tinha 400 mil palestinos, hoje, tem 10 milhões, onde está o genocídio se eles aumentaram 20 vezes. O Lula é o rei da *fake news* e ele parece o Joseph Goebbels que repete, repete uma mentira até que ela se torne verdade.

Rodrigo – **Pensando nessa premissa de que todo grupo nazista e ou terrorista acredita que mantém somente uma única verdade, a deles, pode-se esperar que o diálogo entre diferentes nações, principalmente àquelas que estão em guerra, como é o caso atual, de Israel e a Faixa de Gaza (Hamas)?**

Marcio – Israel é uma democracia, tem árabes no parlamento israelense. Um árabe pode se candidatar a presidente e ou primeiro ministro. Israel é uma democracia. O Hamas é um grupo terrorista, o Hamas não faz eleições na Faixa de Gaza desde 2006. Isso é uma ditadura e quando o Lula defende uma ditadura, ele está se pondo ao lado dos ditadores e essa é a posição que a gente está vendo e defender o terrorismo é um erro total. Em geral, o terrorismo está ligado a ditaduras.

Rodrigo – **No documentário “Não mais silêncio” (disponível em seu canal no Youtube – Marcio Pitliuk), produzido pelo Memorial do Holocausto de São Paulo sob sua direção e do Luiz Rampazzo retrata o testemunho individual de 10 (dez) sobreviventes do Holocausto que são portadoras da experiência e veracidade dos fatos vivenciados nesse tortuoso período, bem como mesmo diante da possibilidade de negar ou esquecer, eles rememoram as dificuldades que passaram ao sobreviver ao nazismo durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto.**



Comente como foi essa experiência cinematográfica e da importância desse resgate do discurso histórico ditatorial a nível mundial.

Marcio – Quando eu entrevistei esses 10 sobreviventes, o que eu queria resgatar era a emoção deles durante o período em que sofreram o antissemitismo na pele. Então, eu queria que eles recordassem o que eles passaram quando eles ainda eram crianças, porque tudo isso que aconteceu eles eram crianças, uma vez que a criança mais velha tivesse entre 8, 9 anos na época. Então, meu trabalho de direção ali foi fazê-los voltarem ao passado e relembrá-los os apertos, os sofrimentos que passaram no Holocausto. Então, foi um trabalho que fez uma espécie de regressão para que eles pudessem transmitir para o espectador a experiência que eles sofreram na pele.

Rodrigo – **Sobre a literatura de judeus realizada no Brasil, tem-se, por exemplo, Moacyr Scliar e Samuel Rawet. Em seus textos privilegiam personagens imigrantes judeus desiludidos, desterrados e que permanecem para eles, a dificuldade em superar os traumas advindos de um passado tenebroso e cruel que os perseguem. Para tanto, como avalia a literatura da Shoah produzida no Brasil? O Holocausto pelo crime cometido contra a Humanidade exige mais do que nunca da literatura para que possamos enfrentar a realidade violenta da sociedade?**

Marcio – Esses autores que você citou inicialmente, eles vieram para o Brasil antes da Segunda Guerra Mundial, chegaram bem antes. São pessoas que, provavelmente, conseguiram estudar no Brasil, eles fizeram universidade, faculdade no Brasil. Então, eles tinham domínio da linguagem, do português. Alguns eram filhos de imigrantes, por exemplo, o Moacyr Scliar é filho de imigrante, ele nasceu aqui. Eles tinham uma visão do que ouviram, do que eles sentiram ao ter que sair de um país onde eles não tinham futuro, onde eram perseguidos mesmo antes do nazismo chegar. No leste europeu, em alguns países da Europa Central, os judeus eram perseguidos. Então, eles saíram em busca de uma vida melhor. Os sobreviventes que chegaram ao Brasil, eles chegaram aqui na faixa dos vinte e poucos anos e tiveram que abandonar a escola nos seus países de origem, a grande maioria, porque a guerra os pegaram no meio do ensino, então, abandonaram os estudos, não chegaram a fazer faculdade, a grande maioria. Eles chegaram tinham de sobreviver e foram trabalhar do que era possível, poucos tiveram oportunidade de fazer universidade no Brasil, não dominam a língua portuguesa que não é língua materna deles. Então, produziram pouca literatura, os que produziram depois do Holocausto, em geral, publicaram relatos da sua experiência durante o Holocausto. São livros de recordações, livros de memória que nem são grandes literaturas, são muito mais documentais e memórias do que uma literatura como Moacyr Scliar, por exemplo. Isso que contei é certa explicação, porque tem essa diferença entre livro escrito por imigrantes antes da guerra, escritos pelos filhos de imigrantes e pelos sobreviventes do Holocausto.



Rodrigo – Nas palavras de Berta Waldmann (2019) em seu texto “Uma história concisa do Holocausto na literatura brasileira”, temos: “(...) há também aqueles que argumentam que se a vivência da barbárie do século XX coube a alguns milhões de seres humanos, a experiência do extermínio é de todos nós. Só a literatura, ou a arte, poderia desafiar a intraduzibilidade do Holocausto, transmitindo-o de maneira mais cabal” (WALDMANN, 2019, p. 05-06). Portanto, coloco as perguntas de Waldmann para levantar discussão e provocação: “Como conjugar os dois apelos inconciliáveis – a necessidade de contar e sua impossibilidade – a não ser na palavra literária? Da palavra que significa pelo que diz e pelo que cala, capaz de estimular um encontro mais efetivo com o vivido, e, por seu intermédio, frear os sentidos estratificados e estabelecidos de uma experiência de abismo tateável, porém intangível?” (WALDMANN, 2019, p. 05-06).

Marcio – De fato, é preciso escrever, é preciso criar literatura sobre o Holocausto para que seja documentada e que fique para a história. Agora, por mais que se escreva e por melhor que se escreva jamais a literatura vai conseguir reproduzir ou mostrar um ínfimo do que realmente eles passaram, as barbáries que eles passaram são indescritíveis, impossíveis de colocar no papel mesmo ouvindo relatos, pessoalmente, dos sobreviventes e eu ouvir dezenas, não conseguimos imaginar o que foi ou a que ponto chegou. Recentemente, com o ataque terrorista do Hamas a Israel, nós podemos, talvez, como uma notícia muito rápida e têm muitos vídeos entender um pouco como o Hamas que estruprou a mãe na frente das crianças, matou crianças na frente dos pais, matou pais na frente das crianças. Eles queriam provocar o máximo de terror cometeram barbaridades que chocaram muito a todos nós. Nós conseguimos acompanhar um pouco melhor, porque eles gravaram vídeos, colocaram na internet, é muito recente. Nós quase vivenciamos isso... Agora o que aconteceu no Holocausto há quase 75 anos, é muito difícil à literatura e ou mesmo o cinema apresentar, por mais que vejamos os atores magros, eu nunca me esqueço de um sobrevivente que me disse que o corpo é um zoológico de insetos, tinha pulgas, piolhos, carrapatos. Imagino se nós não escovamos os dentes todos os dias já ficamos incomodados, imagina você nunca mais escovar os dentes, não ter como bochechar a água na boca, quer dizer, o estado de calamidade que o ser humano ficou durante o Holocausto é indescritível em palavras. Estado de decadência, só que viveu que sabe da realidade.

Rodrigo – Ainda mencionando sobre sua produção literária, na obra *A Alpinista*, publicada em 2021, tem-se a protagonista Hannelore Shultz, uma mulher dona de suas escolhas, mantém um poder sem limites e se envolve em Berlim com oficiais do terceiro Reich. Pela postura e conduta para com o outro que a personagem apresenta ao longo da narrativa, pode-se mencionar que ela representa uma nova versão mesmo que em formação do Hitler?



Marcio – Não, ela é uma alpinista social, uma aproveitadora do momento, ela viu que naquele momento se apoiasse o nazismo iria se dar bem na vida e ela faz isso. Uma das minhas inspirações para a criação da personagem Hannelore veio da esposa de um dos empresários envolvidos no mensalão, que numa das CPI's (Comissão Mista de Inquérito) que ela teve de participar e responder, ela dizia que não sabia de onde que vinha o dinheiro do marido, quer dizer, do dia para noite, o marido dela que ganhava um salário razoável passa a ser milionário e ela dizia que não sabia de onde vinha esse dinheiro, ou seja, o marido fica milionário repentinamente e ela não desconfia de nada. O que aconteceu recentemente no Brasil com os escândalos de corrupção envolvendo o partido dos trabalhadores (PT) serviu-me até de inspiração para criar uma personagem de um livro do Holocausto.

Rodrigo – **Você acredita que as escolas tratam do tema Holocausto de maneira produtiva, visto que desperte e conscientize no discente uma postura contra qualquer discurso de ódio?**

Marcio – Atualmente, as escolas no Brasil mal educam a pessoa para o básico, mal educa para matemática, português, literatura, ciências, o que for. Então, está muito longe de chegar ao ponto de falar de Holocausto, de contar sobre discurso de ódio. Nós estamos longe estamos extremamente atrasados na educação e piorando a cada ano.

Rodrigo – **Você pode indicar material bibliográfico sobre o Holocausto e que deveria ser, obrigatoriamente, incluído nos currículos das escolas de ensino fundamental e médio no Brasil?**

Marcio – Os meus três livros de preferência...

Rodrigo – **Durante a pandemia, tivemos perdas irremediáveis e significativas, independente de gênero, idade e ou classe econômica. Nesse sentido, tal episódio ocasionou em muitas pessoas doenças invisíveis como a depressão. Desse modo, há uma aproximação entre a pandemia e o Holocausto? O homem, portanto, em algum dia se transformará e se integrará a uma comunidade de maneira harmônica, interativa e colaborativa sem causar prejuízos ao seu semelhante?**

Marcio – É impossível comparar o Holocausto com qualquer coisa. Holocausto como falamos no começo da entrevista, foi uma praga organizada, planejada e realizada por seres humanos, por civis e militares, então, foi uma coisa organizada e premeditada para ser realizada e levaram o ser humano ao seu pior nível animalesco e levaram vítimas a torturas absurdas. Então, é impossível comparar. O covid foi uma doença que até hoje não se sabe de onde veio e se espalhou pelo mundo, matou independente de religião, de cor, de raça, o que mostra mais uma vez que o nosso presidente Lula não tem ideia do que é genocídio, porque o covid matou qualquer religião, sexo e etnia. Genocídio é quando mata um determinado povo. A palavra



genocídio vem do grego e significa morte de um povo, de uma cultura, de uma nação. Geno é povo e cídio, assassinato. Então, quando você mata determinada cultura, determinada cultura, isso é genocídio. Quando mata indiscriminadamente não é genocídio e, sim, uma epidemia. São coisas diferentes.

Rodrigo – Tem alguma nova atividade artística em elaboração? Poderia comentar a respeito.

Marcio – Eu vou abrir no dia 09 de março uma exposição sobre o Holocausto no MIS (Museu da Imagem e do Som), de São Paulo. É o museu mais importante de São Paulo e do Brasil. A exposição ficará dois meses e meio. Estou mandando para editora hoje, meu quarto romance que é a história de um judeu que foge dos nazistas e fica na floresta durante um ano e depois se engaja no exército soviético para combater o nazismo e estou preparado o segundo livro sobre a expulsão dos judeus dos países árabes que é um assunto que ninguém sabe, pois acusam Israel de expulsar os árabes, no entanto, ninguém comenta que assim que o estado de Israel foi fundado em 1948, 900 mil judeus foram expulsos de todos os países árabes. Hoje, não existe mais nenhum judeu residindo em país árabe.

Rodrigo – Você pode falar um pouco mais sobre esse livro que irá publicar? Qual é o título da obra e seu enredo?

Marcio – *Laisser Passer*, a palavra francesa que significa “deixe passar”. *Laisser Passer* é o nome de um documento que dará direito da pessoa sair de um país chegar ao outro, sem nacionalidade, porque ele virá patriota, perde a nacionalidade, recebe esse *Laisser Passer* para poder chegar num país e ali poder pedir cidadania, asilo, o que for para ali seguir sua vida.

Rodrigo – Nesta última pergunta, gostaria que expressasse algo para a sociedade (uma espécie de manifesto). Como podemos influenciar e construir uma sociedade mais democrática, justa, igualitária e respeitando as diferenças entre os povos?

Marcio – Não existem raças na humanidade, existe uma única raça que é a humana. Nós estamos no século XXI, entrando no segundo quarto do século XXI, não tem o menor sentido continuar guerras seja por motivos religiosos, seja por etnia, seja pelo que for. Putin atacando a Ucrânia, o Hamas atacando Israel, tem guerra na Eritreia, tem guerra em diversos países da África. O mundo se armando cada dia mais. Quando nós pensamos que o ser humano evoluiu, descobre que não evoluiu e volta para trás. Então, não tem sentido ter brigas entre países, entre fronteiras, quando todo mundo pode viver em paz. Tem espaço para todos. É incrível como a humanidade anda para trás.



Rodrigo – Muito obrigado por compartilhar conosco o seu conhecimento e experiência ritualística de vida, bem como reiterar a importância de se falar do Holocausto no atual contexto contemporâneo. Excelente trabalho! Abraços!

Enviado em: 07/03/2024

Aprovado em: 25/03/2024